

O país da crescente classe média

(NÃO ASSINADO)

Brasil ignora os primeiros meses de crise econômica e 3,7% da população migra de estrato social.

Um estudo divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais (CPS), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mostra que a classe média continuou a crescer no Brasil apesar da crise econômica que assolou a economia mundial no segundo semestre do ano passado. Entre agosto e dezembro, segundo a FGV, o número de pessoas consideradas de classe média – ou classe C – subiu 3,7%, atingindo 53,8% da população. O estudo considera seis regiões metropolitanas – São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador e Recife.

Conforme a FGV, é considerado um membro da classe C quem tem renda familiar mensal entre R\$ 1.115 e R\$ 4.807. Faz parte da classe E a família com renda até R\$ 804 e são classificadas como classe D as que recebem entre R\$ 804 e R\$ 1.115.

A classe alta – ou AB – é a família com renda superior a

R\$ 4.807. De acordo com a instituição, este contingente de pessoas também cresceu entre agosto e dezembro do ano passado, atingindo 15,33% da população total das seis regiões metropolitanas pesquisadas.

Desta forma, a divisão de classes, segundo o método da FGV, ficaria assim nas regiões pesquisadas: 53,81 (classe C), 15,33% (classes A e B), 13,18% (classe D) e 17,68% (classe E).

De acordo com o estudo, que considera o período de 2002 a 2008, a mobilidade de classe foi maior em dois momentos: em 2004 e no ano passado – nos dois casos, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) foi forte. Estima-se que a expansão do PIB brasileiro em 2008 ultrapasse a marca de 5%, embora a previsão para este ano esteja mais modesta, abaixo de 2%.

De acordo com a pesquisa, a mobilidade da classe E em 2008 foi maior antes da crise (41,5%), caindo para 39,7% depois de seu início.

As classes A e B foram as que mais perderam renda entre outubro e dezembro: 74,9% mantiveram suas condições econômicas, ante 80,9% até o mês de setembro.